em plena noite

ANTONIN ARTAUD



ou

o bluff surrealista

frenesi



ANTONIN ARTAUD

Em Plena Noite
ou
O Bluff Surrealista

seguido de

2 Cartas Sobre o Ópio

e

O Suicídio

escolha e tradução de
Paulo da Costa Domingos
2.ª edição (revista)

Lisboa 2000

Escassíssimos homens a um tempo fizeram tábua rasa das modas artísticas na sua época, da sexualidade, de amigos e convivas, da morte mínima, do bom-viver e do senso comum, da alta--costura intelectual, só para ter, olhos nos olhos, Deus. O que quer que Deus represente: real ou superstição. E desocultar-lhe toda a trampa. A literatura, a que se estuda na geral das universidades, alcunha-os de visionários; a psiquiatria, a maluca do ecumenismo dos divãs, designa-os como possessos, ou furiosos. E contudo o génio da máquina propulsora de profecia não tem um nome, um rótulo.

Ponha-se lá Antonin Artaud (n. 4 de Setembro, 1896, em Marselha / m. 4 de Março, 1948, Ivry-sur-Seine, cancro do recto, no mesmo asilo onde viveu Nerval). "Expulso" do grupo surrealista em 1927, com mimos atestados pela brochura policiesca Au Grand Jour, *a que o texto de abertura na escolha vertente responde olho-por--olho-dente-por-dente, Artaud põe-nos ante uma das últimas oportunidades de convívio com o homem integral, numa densa obra de pensador--poeta, derradeiro registo da tentativa de re-unificação do logos, já que reporta o esfacelamento psíquico na voz irada da própria vítima.*

As aranhas de então, essas, assinavam: André Breton, *Paul* Éluard, *Louis* Aragon, *Pierre(s)* Naville *e* Unik*... (Ressalve-se* Benjamin Péret, *pela posterior frontalidade do seu* A Desonra dos Poetas.**) Do lado dos visados, acrescente-se: à cabeça Georges Bataille, mas também tantos tantos outros. Estava-se em Paris, anos 27/35,*

e se os bispos do surrealismo se mostraram alvo menor para Artaud, inúmeras fotografias atestam como Deus, esse, corrosivo, vingativo, o não poupou, tentando esmagá-lo dentro de asilos vários de alienados, anos 38/48, a que resistiu eriçado.

Numa escolha que se quiz breve, esse primeiro texto nuclear, é-o enquanto acto de rejeição de um movimento que, tendo raízes fundamentadas no anti-cartesianismo da época, vinha afinal capitular sob os nefastos do materialismo dialéctico, da História moída pelo triturador da economia.

E o testemunho estende-se ainda pelo corte com a ilusão social e o grupo humano, pela introspecção alcalóide e o apelo ao grande juízo final, deixando aflorada a trajectória desse magnífico condenado à vida, condensação da escória que nos resta desse rubi. E daí, acresce e encerra o volume um depoimento do médico psiquiatra que dele cuidou no manicómio de Rodez... Documento muito citado por quantos debicaram na obra de

Artaud, requeria tradução para termos em perspectiva e sem erro de paralaxe como o doutor Ferdière deixou deslizar por entre os dedos pedaços do corpo desse Osíris do século XX, julgando-se a si próprio, num sacerdócio sinistro, uma espécie de salvador (ou recanalizador) das forças telúricas do génio.

Com o tal primeiro texto desta nova edição, em trânsito de editora – traslado nem sequer inédito – após uma dúzia de anos num cemitério de "princeps", pretende-se, sobretudo, através do catálogo da frenesi*, aludir à nossa posição quanto aos gregarismos, e ao gregarismo surrealista.*

Porque não veneramos ninguém!

Paulo da Costa Domingos
1988 / 2000, Fevereiro

* Antígona, 1989, in *Contra os Poetas* (c/ Witold Gombrowicz).

Em Plena Noite ou O Bluff Surrealista

QUE os surrealistas me tenham expulso ou que eu mesmo me tenha posto à margem dos seus grotescos simulacros, é questão que há muito já se não põe. Por estar suficientemente farto de uma mascarada que apenas durou demasiado, afastei-me, convicto porém que no novo quadro de actuação por eles escolhido, mais do que em qualquer outro, os surrealistas não fariam nada. E o tempo e os factos não deixaram de dar-me razão.

Que o surrealismo se concilie com a Revolução ou a Revolução deva fazer-se fora e apesar da aventura surrealista, pergunta-se que pode daí advir ao mundo se pensarmos na pouca influência que os surrealistas exerceram sobre os costumes e as ideias deste tempo.

Aliás, há ainda uma aventura surrealista, o surrealismo não morreu no dia em que Breton e os seus adeptos acreditaram dever ligar-se ao comunismo e buscar no domínio dos factos e da matéria imediata a finalidade de uma acção que só poderia desenvolver-se normalmente no quadro íntimo do cérebro.

Pensam eles poder permitir-se ridicularizarem-me quando falo de uma metamorfose das condições interiores da alma,[1] como se eu entendesse a alma no sentido infecto sob o qual eles próprios a entendem e como se, do ponto de vista do absoluto, pudesse ter o mínimo interesse ver mudar a armadura social do mundo ou ver passar o poder das mãos da burguesia para as do proletariado.

Ainda se os surrealistas quisessem realmente isso, seriam pelo menos desculpáveis. Teriam um objectivo banal e restrito, mas enfim, existiria. Mas terão eles o menor objectivo que os leve à acção? e quando foi que se esforçaram por formular um?

Trabalharão pois com um objectivo? Trabalharão com móbiles? Crêem os surrealistas poder justificar a sua expectativa pelo simples facto da consciência que dela têm? A expectativa não é um estado de espírito. Quando nada se faz, não se arrisca partir o nariz. Mas também não é razão para fazer falar de si.

Desprezo demasiado a vida para acreditar que uma mudança, qualquer que seja, desenvolvendo-se no âmbito das aparências, possa em algo modificar a minha detestável condição. Separa-me dos surrealistas eles amarem a vida tanto quanto eu a desprezo. Gozar a vida em todas as ocasiões e por todos os poros, eis o cerne das suas obsessões. Todavia, o ascetismo não liga com a verdadeira magia, mesmo a mais suja, ou a mais negra. Porque o próprio gozador diabólico tem facetas de asceta, e certo espírito de maceração.

Não falo dos escritos deles, que esses são resplandecentes, se bem que vãos na perspectiva em que se colocam. Falo da sua atitude central, do exemplo de toda uma vida. Não nutro ódios pessoais. Repudio-os e conde-

no-os em bloco, dedicando a cada um em particular toda a estima e até toda a admiração que merecem pelas obras ou pelo espírito. Em todo o caso, e sob este ponto de vista, não terei como eles a doença infantil de fazer volte-face à sua causa, e de lhes negar o talento lá porque deixaram de ser meus amigos. Felizmente não se trata disso.

Trata-se sim desta deslocação do centro espiritual do mundo, este desnivelamento das aparências, esta transfiguração do possível, que o surrealismo deveria contribuir para provocar. Toda a matéria começa por uma desordem espiritual. Confiar às coisas, às suas transformações, o cuidado de nos conduzir, é a óptica de qualquer bruto obsceno, de qualquer especulador do real. Nunca ninguém compreendeu nada e os próprios surrealistas não compreendem nem podem prever onde os levará a sua vontade de Revolução. Incapazes de imaginar, de visualizar uma Revolução que não se desenvolva no quadro desesperante da matéria, deixam à fatalidade, a um

certo acaso de debilidade e impotência que lhes é próprio, o cuidado de explicar a sua inércia, a sua eterna esterilidade.

O surrealismo nunca foi para mim senão uma outra espécie de magia. A imaginação, o sonho, toda essa intensa libertação do inconsciente que tem por fim fazer aflorar à superfície da alma o que ela costuma conservar escondido, devem necessariamente introduzir profundas transformações na escala das aparências, nos valores de significação e no simbolismo da coisa criada. O concreto muda de farpela, de casca, já não se aplica aos mesmos gestos mentais. O além, o invisível, rechaçam a realidade. O mundo já não se aguenta.

Poderemos então começar a peneirar os fantasmas e a evitar ardis.

Que a espessa muralha do oculto desabe de uma vez por todas sobre estes impotentes tagarelas que gastam a vida em objurgações e vãs ameaças, sobre estes revolucionários que nada revolucionam.

Uns brutos que me convidam a converter-

-me. Era mesmo o que eu precisava. Pelo menos reconheço-me doente e sujo. Aspiro a outra vida e, bem vistas as coisas, prefiro o meu lugar ao deles.[2]

Que resta da aventura surrealista? Pouca coisa, por certo uma grande desilusão. No campo da literatura em-si talvez tenham dado de facto o seu contributo. Essa cólera, esse nojo ardente vertido sobre a coisa escrita constitui uma atitude fecunda e que servirá porventura um dia, mais tarde. A literatura encontra-se aí purificada, reconciliada com a verdade essencial do cérebro. Mas é tudo. Conquistas positivas, à margem da literatura, ou das imagens, não há, e seria isso o único facto importante. Da boa utilização dos sonhos pode nascer um novo modo de conduzir o pensamento e não ceder perante as aparências. A verdade psicológica encontra-se despojada de excrescências parasitárias, inúteis, muito mais próxima de nós. Nessa altura vivia-se com plenitude, mas talvez seja lei do espírito o abandono da realidade só nos trazer fantasmas.

Dentro do exíguo limite do nosso domínio palpável somos pressionados, solicitados por todo o lado. Vimo-lo bem através desta aberração que levou revolucionários de grande plano a abandonar literalmente esse plano, tomando a palavra revolução no seu sentido prático utilitário, sentido social julgado único válido, porque ninguém quer ficar por promessas. Estranha reviravolta, estranho nivelamento.

Propor uma simples atitude moral, alguém acredita que isso possa ser o bastante, se essa atitude em tudo estiver marcada pela inércia? O interior do surrealismo condu-lo à Revolução. É este o dado positivo. Única conclusão eficaz possível (segundo eles) e à qual grande número de surrealistas se recusou aderir; mas aos outros, que lhes trouxe, que ganharam com a ligação ao comunismo? Não os fez dar um passo. Nunca no círculo fechado da minha pessoa senti necessidade dessa moral do devir, da qual, ao que parece, derivaria a Revolução. Coloco acima de qualquer neces-

sidade real as exigências lógicas da minha própria realidade. Só esta lógica julgo aceitável, e não uma lógica superior cujas irradiações me afectam unicamente na medida em que ferem a minha sensibilidade. Não há disciplina à qual me sinta forçado a submeter-me, por mais rigoroso que seja o raciocínio apelando à minha adesão.

Dois ou três princípios de morte e de vida encontram-se para mim acima da mínima submissão precária. A lógica sempre me pareceu estranha.

O surrealismo morreu com o sectarismo imbecil dos seus adeptos. O que resta é uma espécie de amálgama híbrida ao qual até os surrealistas são incapazes de dar nome. Perpetuamente na orla das aparências, inapto para criar raízes na vida, o surrealismo anda ainda à procura de uma saída, a pisar ovos. Impotente para escolher, para se decidir de vez, seja pela mentira seja pela verdade (verdadeira mentira do espiritual ilusório, falsa verdade do real imediato, mas destrutível), o surrealismo persegue esse insondável e indefinível interstício de realidade onde apoiar a sua alavanca outrora forte, hoje caída nas mãos de castrados. Mas a minha debilidade mental e a minha cobardia bem conhecidas recusam-se ver o menor interesse em agitações que apenas afectariam o lado exterior, imediatamente perceptível, da realidade. A metamorfose exterior é, quanto a mim, coisa que só pode dar-se por acréscimo. O plano social, o plano material para onde os surrealistas viram as suas pobres veleidades de acção, os seus ódios irre-

versivelmente virtuais, não passa de uma representação inútil e subentendida.

Sei que neste debate terei comigo todos os homens livres, todos os verdadeiros revolucionários que pensam ser a liberdade individual um bem superior ao de qualquer conquista obtida no plano relativo.

Escrúpulos meus face à acção real?

São escrúpulos absolutos e de duas espécies. Visam, falando em termos de absoluto, esse sentimento enraizado da profunda inutilidade de não importa que acção espontânea ou não-espontânea.

É o ponto de vista do pessimismo integral. Mas certa forma de pessimismo traz consigo a sua própria lucidez. A lucidez do desespero, dos sentidos exacerbados e como que à beira do abismo. E a par da horrível relatividade de toda a acção humana, esta espontaneidade inconsciente incita, apesar de tudo, à acção.

E também no domínio equívoco insondável do inconsciente, sinais, perspectivas, clarões, toda uma vida que desperta quando a fixamos e se revela capaz de agitar ainda o espírito.

Eis pois os nossos comuns escrúpulos. Mas parece que eles os resolveram em proveito da acção. Reconhecida porém a necessidade desta acção, logo se apressam a declarar-se dela incapazes. É um domínio de que a configu-

ração do seu espírito os afasta para sempre. E pelo que me diz respeito, afirmei eu alguma vez outra coisa? Mesmo tendo a meu favor circunstâncias psicológicas e fisiológicas desesperadamente anormais, e das quais eles não saberiam tirar partido.

Junho de 1927

Adenda

28 de Fevereiro de 1947
[a André Breton]

Caro amigo,

Você censurou-me asperamente pela sessão no Vieux-Colombier que foi a minha primeira oportunidade de dirigir palavras amigáveis ao público de uma sociedade

que me teve internado 9 anos

mandou a sua polícia partir-me a coluna vertebral a golpes de barra de ferro,

e rufias dar-me 2 facadas nas costas,

preso e encarcerado numa cela, deportado,

...

Com esse fim talvez haja reunido pessoas dentro de um teatro,

mas dizer que continuava a ser homem de teatro, como você diz numa carta, pelo simples facto de eu ter aparecido sobre um palco,

é injustiça gratuita

porque não creio, sem a menor presunção, que algum homem de teatro desde que o teatro existe tenha tido antes de mim a atitude que eu tive nessa noite no palco do Vieux-Colombier, e que consistiu em vociferar do cimo de um estrado eructações de ódio, cólicas e cãibras no auge da síncope, etc., etc.

... ...

E como é que depois disso, André Breton, e de me haver censurado por eu aparecer num teatro, me convida você a participar numa exposição, dentro de uma galeria de arte, hiper-chique, ultra-próspera, retumbante, capitalista [*] (tivesse ela os seus fundos num banco comunista) e onde qualquer manifestação só pode ter o carácter estilizado, limitado, circunscrito, fixo, de tentativa artística.

A. A.

Notas

1 Como se o homem que tenha verificado de uma vez por todas os limites da sua acção, recusando comprometer-se para além do que em consciência crê serem esses limites, fosse, do ponto de vista da Revolução, menos digno de interesse do que tal vociferador imaginário, neste mundo sufocante em que vivemos, mundo fechado e definitivamente imóvel, incumbido, num pressuposto estado insurreccional, da tarefa de apelar para façanhas que toda a gente sabe que ele próprio não praticará.

Exactamente isso fez-me vomitar o surrealismo: verifiquei a importância inata e a fraqueza congénita destes senhores, contrárias às suas atitudes permanentemente ostentatórias, às suas ameaças no vazio, às blasfémias no nada. E hoje, que fazem eles senão pôr outra vez à mostra a sua impotência, a sua insuperável esterilidade? Por ter recusado comprometer-me para além de mim mesmo, por ter imposto silêncio em meu redor e ser fiel em pensamento e actos ao que eu sentia como profunda e irremissível impotência, esses senhores julgaram-me inoportuno entre eles. Mas o que lhes pareceu sobretudo condenável e blasfematório foi apenas ter confiado a mim próprio o cuidado de determinar os meus limites e exigir deixarem-me livre e senhor dos meus actos. Que me adianta qualquer Revolução no mundo sabendo que vou permanecer eternamente dorido e miserável dentro deste monte de ossos?! Que cada homem não conte com mais nada além da sua sensibilidade profunda, do seu íntimo, eis para mim a Revolução integral. A boa revolução é aquela que me traz vantagens, a mim e às pessoas como eu. As forças revolucionárias de qual-

quer movimento são as capazes de abalar os actuais fundamentos das coisas, de alterar o ângulo da realidade.

Porém, numa carta aos comunistas, eles confessam absoluta falta de preparação no domínio em que acabavam de se inscrever. E mais: ser o tipo de actividade que lhes era pedido inconciliável com o seu espírito.

Nisto, é que, digam o que disserem, nos tocamos, pelo menos em parte, uma inibição de essência similar ainda que devida a causas diferentemente graves, diferentemente significativas, para mim e para eles. Reconhecem-se afinal incapazes de fazer aquilo que eu sempre me recusei tentar. No que diz respeito à acção surrealista, sinto-me tranquilo. Pouco mais eles podem do que passar o tempo a condicioná-la. E a fazer balanços, balanços de si próprios como qualquer Stendhal, estes Amiels da revolução comunista. A ideia de Revolução nunca neles passará de uma ideia, sem que à força de envelhecer adquira essa ideia a mais leve sombra de eficácia.

Ao mostrarem a necessidade de interromper o seu desenvolvimento interior, verdadeiro desenvolvimento, para o escorar com uma adesão de princípio ou de facto ao Partido Comunista Francês, eles não vêem como põem a nu a inanidade do próprio movimento surrealista, do surrealismo incólume de qualquer contaminação. Seria isto a revolta, o incêndio nos fundamentos de toda a realidade? Para viver, teria o surrealismo necessidade de se encarnar numa revolta de facto, de se confundir com reivindicações como o dia de trabalho de oito horas, ou o reajustamento salarial, ou a luta contra a carestia de vida? Que brincadeira! ou que baixeza de alma! No entanto, é bem isso que parecem dizer: que a adesão ao Partido Comunista Francês se lhes apresentou como sequência lógica do desenvolvimento da ideia surrealista e sua única salvaguarda ideológica!!!

Mas eu nego que o desenvolvimento lógico do surrealismo o tenha conduzido a essa forma definida de revolução que se dá pelo nome de Marxismo. Sempre pensei que um movimento tão independente como o surrealismo não seria justificável pelos métodos da lógica comum. Aliás, a contradição não deve incomodar muito os surrealistas, sempre dispostos a não perder pitada de quanto possa trazer-lhes vantagens, de quanto possa momentaneamente servi-los. – Falai-lhes de Lógica, responder-vos-ão Ilógica, mas falai-lhes de Ilógica, Desordem, Incoerência, Liberdade, e responder-vos-ão Necessidade, Lei, Obrigações, Rigor. Esta má fé essencial está na base do seu modo de agir.

[2] Tal bestialidade por mim apontada e que tanto os revolta é contudo o que melhor os caracteriza. O seu amor ao prazer imediato, quero dizer à matéria, fê-los abandonar a orientação primitiva, esse magnífico poder de evasão, do qual acreditámos nós virem eles revelar-nos o segredo. Um espírito de quesília, de mesquinha chicana, incita-os a difamarem-se uns aos outros. Ontem, Soupault e eu afastámo-nos enojados. Anteontem tinha sido Roger Vitrac, cuja expulsão foi uma das suas primeiras imundícies.

Por mais que uivem lá na toca e digam que não é assim, responder-lhes-ei que o surrealismo sempre foi para mim uma insidiosa extensão do invisível, inconsciente ao alcance da mão. Tesouros do inconsciente invisível tornados palpáveis, conduzindo a linguagem directamente, de um só jacto.

A mim, Rusbroeck, Martinez de Pasqualis, Boehme, justificam-me plenamente. Qualquer acção espiritual, se for justa, materializa-se na devida altura. Condições interiores da alma! – elas trazem consigo a sua veste de pedra, de verdadeira acção. É coisa que se adquire e adquire-se por si, irremissivelmente subentendida.

[*] Referência à Exposition Internationale du Surréalisme, na galeria Maeght de Paris. (*Ndt*)

2 Cartas Sobre o Ópio

SENHOR legislador,

Senhor legislador da lei de 1916, ratificada pelo decreto de Julho de 1917 sobre os estupefacientes, és um cretino.

A tua lei só serve para chatear a farmacopeia mundial sem atingir a fauna toxicómana da nação

porque

1.º O número de toxicómanos que se abastece no farmacêutico é ínfimo;

2.º Os autênticos toxicómanos não se abastecem no farmacêutico;

3.º Os toxicómanos que se abastecem no farmacêutico são *todos* doentes;

4.º O número de toxicómanos doentes é ínfimo comparado com o dos toxicómanos

voluptuosos;

5.º As restrições farmacêuticas à droga nunca incomodarão os toxicómanos voluptuosos organizados;

6.º Haverá sempre fraudes;

7.º Haverá sempre toxicómanos por vício de forma, por paixão;

8.º Os toxicómanos doentes têm sobre a sociedade o direito inalienável de exigir que os deixem em paz.

Trata-se acima de tudo de um caso de consciência.

A lei sobre os estupefacientes põe nas mãos do inspector-usurpador da saúde pública o direito de dispor da dor humana; singular pretensão da medicina moderna querer impor deveres à consciência de cada um. O zurrar do documento oficial não tem efeito contra o seguinte dado de consciência, a saber: mais do que sobre a morte, sou senhor absoluto da minha dor. Cada homem é juiz, e juiz exclusivo, de quanta dor física, ou mesmo de vazio mental, pode honestamente suportar.

Lucidez ou não-lucidez, há uma lucidez que nenhuma doença me roubará, é a que dita o sentimento da minha vida física.* E quando tiver perdido essa lucidez, à medicina compete uma solução: facultar-me as substâncias que permitam retomar o uso da lucidez.

Senhores ditadores da escola farmacêutica de França, sois uns coirões: há coisas que devíeis medir melhor; o ópio é a substância imprescindível e imperiosa que permite aos que desgraçadamente perderam a vida da alma voltar a ela.

Há um mal contra o qual o ópio é soberano e chama-se Angústia, na sua forma mental, clínica, fisiológica, lógica ou farmacêutica, como quiserdes.

A Angústia que faz os loucos.

A Angústia que faz os suicidas.

A Angústia que faz os danados.

A Angústia que a medicina ignora.

A Angústia que o médico não escuta.

A Angústia que lesa a vida.

A Angústia que laqueia o cordão umbilical da vida.

Com a vossa iníqua lei pondes nas mãos de gente em quem não tenho a mínima confiança, cretinos da medicina, farmacêuticos de meia tigela, juízes de má fé, doutores, parteiras, inspectores-doutorais, o direito de dispor da minha angústia, uma angústia em mim tão aguda como as agulhas de todas as bússolas do inferno.

Estremecimentos do corpo ou da alma, não existe sismógrafo humano que permita a quem me observe chegar a uma aferição mais precisa da minha dor do que, fulminante, o meu espírito!

Toda a arrojada ciência dos homens não é superior ao conhecimento imediato que possuo do meu ser. Sou único juiz de quanto está em mim.

Regressem ao palheiro, percevejos da medicina, e tu também, Senhor Carneiro Legislador, não será por amor aos homens que deliras, mas por tradição de imbecilidade. A tua ignorância do que é um homem só pode comparar-se à tua estupidez por limitá-lo. Desejo

que a tua lei caia sobre o teu pai, a tua mãe, a tua mulher, os teus filhos e toda a tua posteridade. E agora amanha-te com a tua lei.

1925

Ivry 15 Setembro 1947
Sr. Jacques Prevel

caro amigo
pela primeira vez em 1915
senti a FALTA
do ópio. E nessa altura
nunca o havia
tomado. Mas um buraco
vazio sem nome
tinha-se instalado na
parte posterior do meu cérebro,
um vazio que nada pôde
colmatar – e foram
precisos cinco
anos: de 1915 a 1920
para encontrar a panaceia capaz
de encher,
de dar espessura e de
drogar enfim todo o meu
ego. Tal panaceia

para outros comparável
ao pão ou à água
levou-me cinco anos
encontrá-la e só
por um estranho acaso
em 1920 um
médico me receitou
láudano 40 GOTAS
todas as manhãs.
Teria ficado por essa
dose se o láudano
tivesse sido sempre o
mesmo e da mesma
qualidade mas não
foi o que aconteceu –
e depois há ANTECEDENTES
Coleridge
e outros do grupo do Lago
que chegaram
às 8000 repito
oito MIL gotas de láudano
por dia e por aí
ficaram porque isso repre-

sentava a altura do
naco de rosbife ou
pão necessários
para manterem-se de pé.
Penso que 30 a 50
gramas do MUITO BOM
láudano de ANTES
DA GUERRA me bastariam mas
onde encontrá-las?
Enquanto espero
a sua insinuação
em desintoxicar-me indica
que o seu corpo quer
encarregar-se da minha
dor para viver um
pouco mais ao mesmo tempo que viverá
um pouco menos. O ópio
é aquele energético
ESSENCIAL sem o que
o homem nada pode
fazer. E não se
pense que escarrar
sangue é tê-lo

PERDIDO. Eu não
sei se você ENTENDEU
a que ponto a sua sugestão
representava
MAIS que um conselho: era SIM
fundamentalmente
UMA IDEIA GRAVE. É
toda uma ordem
do mundo Jacques Prevel,
UMA ORDEM INTEIRA DO MUN-
DO que você me sugere pelo
simples facto de mudar.
Caí certo dia de
1915, e todos os meus livros: o *Pesa-*
-Nervos, o *Umbigo dos Limbos*,
são testemunho dessa
QUEDA porque toda a
terra me tomou e
arrebatou-me o energético da
vida, o meu sangue heróico,
e tomou-mos para
viver no estupro da
fornicação, do

prazer e do COITO,
reside aí o problema.
Voltará ou não voltará a
haver ORGASMO?
afirmo eu que não voltará a
haver orgasmo
tragam-me ópio
ópio bastante para
recompor um corpo
de homem
diz-me você
você Jacques Prevel
desintoxique-se
não.
O problema é
ter que REENCONTRAR
o meu ópio, todo o ópio
necessário à
imortalidade.
Ao falar dessa maneira
você nega-me
a imortalidade.
Só doravante

imediatamente a questão
se me põe:
encontrar ópio
ou morrer e sumir-me.
E é preciso que eu consiga
tomar o suficiente
para que em mim a
vida retome o seu
nível.
Então, o estado de carência
desaparecerá.
Desejando que
me tenha compreendido
seu

A. A.

Nota

* Sei bem como existem graves perturbações da personalidade, e que podem mesmo provocar na consciência a perca de individualidade: a consciência permanece intacta não se reconhecendo pertença de si mesma (e sem se reconhecer em nenhum grau).

Há perturbações menos graves, melhor dizendo menos essenciais, mas muito mais dolorosas e importantes para a pessoa, e em certa medida mais *ruinosas* para a vitalidade, o que acontece quando a consciência se apropria e reconhece verdadeiramente como se lhe dissessem respeito toda uma série de fenómenos de deslocação e dissolução das suas forças, no seio das quais a sua materialidade se destrói.

A isso mesmo faço eu alusão.

Pois trata-se justamente de saber se a vida é tocada pela descorporização do pensamento conservando uma parcela de consciência, ou pela projecção desta consciência num além indefinido com perfeita conservação do pensamento. E não se trata afinal de este pensamento falhar ou ser insensato, mas sim de se manifestar, de projectar sinais de fogo, mesmo desvairados. Trata-se de existir. E pretendo, eu entre outros, não ter pensamento.

E isto faz rir os meus amigos. Assim seja!

Porque não chamo *ter pensamento*, eu, o ver bem ou, direi mesmo, *pensar* bem; ter pensamento, para mim significa *defender* o pensamento, estar em estado de o fazer sentir a si próprio e de ele poder responder a todas as circunstâncias do sentir e da vida. Mas sobretudo *responder-se a si próprio*.

E aqui se põe este indefinível e perturbador fenómeno que não consigo fazer compreender a ninguém, mais precisamente aos amigos (ou melhor, aos inimigos, os que me tomam pela sombra *que sinto também ser*; – e nem julgam acertar em cheio, eles, duas vezes sombras, por eles e por mim).

Amigos meus, nunca os vi como eu, de língua pendurada e o espírito terrivelmente paralisado.

Sim, o meu pensamento conhece-se e desespera de se alcançar. Conhece-se, quero eu dizer que ele se pressente; em todo o caso já não se sente. – Falo da vida física, da vida substancial do pensamento (e é aqui que retomo o meu tema), falo de um mínimo de vida pensante e em estado bruto – ainda não chegado ao uso da palavra, mas capaz disso, se necessário –, e sem o qual a alma já não pode viver e a vida é como se não existisse.

Os que se lastimam das insuficiências do pensamento humano e da sua própria impotência em satisfazerem-se com o que designam por pensamento, confundem e põem no mesmo plano erróneo estados perfeitamente diferenciados do pensamento e da forma, cujo ponto mais baixo é tão-só a palavra e o mais alto está ainda em espírito.

Se eu possuísse aquilo que sei ser o meu pensamento, talvez houvesse escrito *O Umbigo dos Limbos*, mas tê-lo-ia feito diferentemente. Dizem-me que penso porque nunca o deixei de fazer e porque, apesar de tudo, o meu espírito se mantém num certo nível e de tempos a tempos dá provas da sua existência, que ninguém quer reconhecer serem fracas e falhas de interesse. Mas pensar, para mim, é diferente de não estar morto, é ligar-se a todos os instantes, é não parar em nenhum momento de sentir-me no meu ser interior, na massa informulada da vida, na substância da realidade própria, é não sentir cá dentro qualquer buraco capital ou ausência vital, é sentir sempre um pensamento idêntico a outro, quaisquer que sejam, por outro lado, as insuficiências de forma que nós lhes damos. Mas o meu pensamento peca simultaneamente por fraqueza e por quantidade. Penso sempre num grau inferior.

O Suicídio

ANTES de me suicidar peço que me garantam a sua eficácia, quereria ter a certeza da morte. A vida parece-me uma cedência à legibilidade aparente das coisas e sua repercussão no espírito. Já não me sinto como encruzilhada irredutível das coisas, a morte que cura, cura desligando-nos da natureza, mas não serei eu uma soma de dores onde nada se passa?

A matar-me não será no intuito de destruir-me, mas sim para me reconstituir, o suicídio será para mim unicamente um meio de me reconquistar pela violência, de fazer uma irrupção à bruta no meu ser, de ganhar a pouco segura vantagem de Deus. Com o suicídio reintroduzo o meu contorno na natureza, dando às coisas, pela primeira vez, a forma do

meu querer. Liberto-me do condicionamento dos órgãos tão mal adaptados ao ego, e a vida deixa de afigurar-se-me um absurdo acaso comigo a pensar o que me dão para pensar. Escolho assim o pensamento e a aplicação das forças, das tendências e da minha realidade. Coloco-me entre o belo e o feio, entre o bom e o mau. Fico em suspenso, sem por onde me inclinar, neutro, à mercê de boas e más solicitações.

Porque a vida em-si não é uma solução, não possui qualquer tipo de existência eleita, consentida ou fatal. A vida é apenas uma série de apetências e forças adversas, pequenas contradições concretizadas ou que abortam consoante as circunstâncias de um acaso odioso. O mal está desigualmente distribuído pelos homens, e também o génio e a loucura. O bem e o mal são fruto das circunstâncias e de um fermento melhor ou pior actuante.

É sem dúvida abjecto ser criado e viver e sentir até ao mais recôndito, até às ramificações mais *impensadas* do ser irredutivelmente determinado. Afinal somos árvores, e deve talvez

encontrar-se algures inscrito no código da árvore da minha raça que me matarei certo dia.

A própria ideia de livre suicídio cai como uma árvore cortada. Não sou eu que crio o tempo, o lugar ou as circunstâncias do meu suicídio. E se não invento sequer o pensamento, sentir-lhe-ia eu a amputação?

Pode dar-se o caso que o ser se dissolva já, mas se continuar intacto como reagirão os meus órgãos arruinados, com que improváveis órgãos registarei eu a dilaceração?

Sinto a morte sobre mim torrencial, como o despertar instantâneo de uma ira cuja força ignorava. Sinto a morte repleta de delícias, dédalos vertiginosos. Onde está nisso o pensamento do meu ser?

Mas eis Deus de repente como um murro, como uma foice de luz dilacerante. Separei-me voluntariamente da vida, quis contrariar o destino!

E esse Deus dispôs de mim até ao absurdo; manteve-me vivo num vazio de negações, de obstinadas recusas de mim mesmo, destruiu-me até aos mais pequenos impulsos da vida

pensante, da vida sentida. Reduziu-me à condição de autómato ambulante, mas um autómato a sentir a ruptura do seu inconsciente.

E então eu quis provar a minha existência, quis ligar-me à realidade sonora das coisas, romper com a fatalidade.

E Deus o que fez?

Eu não sentia a vida, a circulação de qualquer ideia moral representava para mim um rio seco. A vida não constituía nem objecto nem forma; tinha-se transformado numa série de raciocínios. Mas raciocínios vagos, raciocínios que não funcionavam, possíveis "esquemas" interiores que a vontade não conseguia reter.

Mesmo para o suicídio, tive que aguardar o retorno do eu, o livre jogo de todos os articulados do meu ser. Deus atirou-me para o desespero como para uma constelação de impasses cujo brilho acaba em mim.

Não posso morrer, nem viver, nem sequer desejar morrer ou viver. E todos os homens são como eu.

Apêndice

Eu Tratei Antonin Artaud

Gaston Ferdière, Dr.

J'ai Soigné Antonin Artaud, publicado,
cremos que pela primeira e única vez, em 1959
na revista «La Tour de Feu» n.º 63-64,
é aqui traduzido apenas fragmentariamente,
naquilo que ao compilador pareceu roçar as raias
da grosseria malvada. Atente-se, um clínico que
afirma os electrochoques "rigorosamente indolores"
deveria ser posto de fusível, pelo menos durante
nove meses, nos disjuntores de alta voltagem
na hidroeléctrica do Castelo do Bode, e talvez
renascesse para um Mundo tão infernal como aquele
que apoquentou Antonin uma vida inteira. (*Ndt*)

[...]

Primeiramente, não fui eu quem internou Antonin Artaud!

Não podem acusar-me de arrombar uma porta aberta: tanta vez li em periódicos de grande qualidade ser eu o psiquiatra responsável pela prisão e o encarceramento de Artaud, em suma "o miserável, a peçonha donde partia todo o mal!" E presenciei insinuarem a calúnia por todo o lado. No Tribunal de Baiona, em 57, o Sr. Lafont, Procurador da Quarta República, tentou humilhar-me de toda a maneira e feitio: "Quanto à carreira administrativa do Dr. Ferdière", afirmava, "... deu muito que falar: sabe-se que ele... hã... sequestrou arbitrariamente, hã... um poeta, hã... um grande poeta... o poeta Antonin... hã...", uma espreitadela rápida aos papéis põe fim à hesitação e o orador engrossa a voz, triunfante: "o poeta Antonin Arnaud" (sic).

Na verdade Antonin Artaud foi internado por despacho mais de cinco anos antes do nosso primeiro encontro. *A data da certidão do internamento indica o dia 12 de Abril de 1938 como entrada no Asilo Clínico de Santa Ana* [...]. *Transferido a 27 de Fevereiro de 1939 para Ville-Evrard, onde permaneceu até 22 de Janeiro de 1943.*

Só em fins de Novembro de 42 comecei francamente a interessar-me por Artaud. De facto, sempre soube que desde o início se viram obrigados a interná-lo, e também sabia porquê. Por diversas vezes havia falado com alguns amigos, Guita e Théodore Fraenkel, Jean Louis Barrault, Léon Pierre-Quint, etc...

– *Ferdière, você* deveria fazer qualquer coisa.

Fazer o quê? Nunca pensei tomar a cargo o destino de um poeta. No Outono de 42 decidi-me, a pedido de um homem de grande coração, Robert Desnos, a quem me ligava profundo afecto, não falando já de milhentos gostos comuns (na arte naïf, na arte infantil, nos objectos em vidro, nos postais ilustrados da Belle Époque...). *Recebera de Desnos um autêntico S.O.S.: Artaud, continuamente excitado, passava longos períodos no "pavilhão dos furiosos" da Ville-Evrard; muito mal alimentado, portando-se* cada

vez pior, perigosamente magro... *Lembro que tudo isso aconteceu nos horríveis tempos do racionamento, das senhas e do mercado-negro; dentro dos manicómios, os psicopatas encontravam-se por assim dizer condenados à morte pelo nazismo; as carências eram medonhas e eles morriam aos milhares.*

Decidimos não permitir que Artaud morresse, e juntámo-lo ao grupo dos que tínhamos que salvar a qualquer preço. Avisámos a família do poeta e os seus amigos mais chegados: e não julgueis que nesta altura seriam em número superior aos dedos de uma única mão; *os mais fervorosos à cabeça, Jean Paulhan, Paul Éluard.*

Não faço intenção de contar agora a história insignificante de como Desnos e eu, depois de chegarmos a um acordo, conseguimos transferi-lo de Ville-Evrard para Rodez, *então "zona livre". Sublinho apenas que o "truque" da escala em Chézal-Benoit, hospital psiquiátrico dito "agrícola", dependente da Prefeitura de Seine, foi providencialmente possível porque eu próprio tinha sido director clínico desse estabelecimento até às minhas opções sindicais terem dado azo a que o governo de Pétain me expulsasse; conservei, entretanto, excelentes relações no Ministério do Interior*

e Desnos foi igualmente incansável junto deles; tinha lá alguns amigos que nos foram muito úteis, possibilitando as nossas diligências.

Junto a este relatório uma carta enviada por Desnos; sem data, o carimbo no sobrescrito indica 26-1-43:

> *"Meu caro Ferdière,*
>
> *Fui quinta-feira a Ville-Evrard, Artaud devia partir no dia seguinte, sexta, 22. Dei com ele em pleno delírio, convencido que era São Jerónimo, já não querendo sair dali porque estavam a afastá-lo das forças mágicas que o influenciavam. Não o via há cinco anos, a sua exaltação e a loucura foram para mim um espectáculo penoso. Persuadi a mãe dele a não dar ouvidos ao seu discurso e a deixá-lo vir comigo, pois tenho a certeza que estará melhor junto de si. Mas olhe, quer parecer-me que ele está bem agarrado aos seus próprios fantasmas e difícil de curar [...]*
>
> *Artaud irá certamente considerar-me um persecutor!*
>
> *Desnos"*

Não dirá esta carta tudo em poucas linhas? *Além da última frase, que eu entrego à meditação dos meus delatores.*

Não é aqui o sítio para discutir aspectos do diagnóstico da psicose de Artaud. Bem sei quão válida é a acusação de verborreia que pesa sobre os psiquiatras – já para não falar da sua velha mania de pôr rótulos em tudo. Nos termos de uma sociedade dita "científica" perguntar-me-ei talvez um dia qual a estrutura do delírio aqui mencionado (paranoica, paranoide, parafrénica?) e investigarei se será possível associá-lo a um processo esquizofrénico (já víramos traços "esquizóides" na Correspondance avec Jacques Rivière*!).*

Tudo o que eu pretendo afirmar por agora é que havia delírio, delírio crónico, *e que* esse delírio punha Artaud violentamente anti-social, perigoso para a ordem pública e para a segurança das pessoas. *Voluntariamente repito os lugares comuns da lei e do hábito, que a sociedade chamou a si para sua defesa própria, e legítima defesa.*

A *pedido de Boujut, acrescento um exemplo típico da confusão mental de Artaud, a dedicatória das* Nouvelles Révélations de l'Être *ao Führer. (Inútil dizer que esse volume amarelo editado pela Denoël nunca chegou ao destinatário.) De passagem, podemos verificar os lapsos de memória (em Artaud tão frequentes, de par com os reconhecimentos ilusórios), as ideias místicas, a glossolália, etc...*

"A Adolfo HITLER
como recordação de uma
tarde de Berlim no
Café Romanichès
em Maio de 1932
e porque eu peço a
Deus
que lhe conceda a
graça de se lembrar
de todas as maravilhas
com que nesse dia ELE
lhe GRATIFICOU
(RESSUSCITOU)
O CORAÇÃO
Kudar dayro Zarish Ankkara
Thabi

Antonin Artaud
3 Dezembro 1943"

As convicções religiosas de Artaud variavam ou todas as semanas ou todos os dias. Dão vontade de rir os que doutamente gastam tempo a discorrer sobre isso. Antes de pegarem na caneta a arquitectar teses, mais valia informarem-se junto do capelão de Rodez: o pobre homem nunca soube se encontraria o poeta recolhido nas suas orações ou se seria insultado nos corredores do estabelecimento. E no entanto Artaud teve sempre a minha mulher na conta de uma Santa de Mitilene e a senhora Latrémolière, esposa do meu interno, numa possessa do demónio – aliás, como a maioria das mulheres – que ele de passagem exorcizava à força com fungadelas, espirros e escarros.

Ainda um pequeno detalhe, importante para ressalvar um erro basto propagado:

Artaud não foi internado como toxicómano.

Com certeza, como tantos outros artistas e surrealistas, usou drogas ocasionalmente. Mas não tinha quaisquer indícios de toxicomania; o tipo clínico do seu delírio nunca sugeriu toxicomania. De resto nunca detectei nele qualquer síndrome de abstinência, tão característico para os que o viram anteriormente. E depois tanto eu como os meus internos enganávamo-lo com facilidade: aos seus habituais pedidos de codeína, dávamos-lhe amostras de codoforme, *que serviam para lhe acalmar a tosse de fumador (e fumador ignorante da existência de racionamento do tabaco!).*

Medindo bem o alcance das palavras, quero acrescentar uma coisa:

Afirmo que Artaud se tornou verdadeiro toxicómano devido aos amigos da última hora, *uns amigos-novos entre os quais realmente grassava a toxicomania. Foram eles que apressaram o seu fim com altas doses de láudano. Sem essa lastimável intervenção, sem a benevolência com que o rodearam, estaríamos no direito de pensar que Artaud nos teria legado uma obra muito mais vasta... e de condená-los.*

E eu de facto não "curei" Antonin Artaud, *por ser ele verdadeiramente incurável com os recursos actuais da terapêutica psiquiátrica. Por outro lado não vejo muito bem, ante este ser tão excepcional, o exacto sentido de palavras como "cura" ou "saúde mental"! Mas pelo menos* devolvi Artaud à sociedade *a* 25 *de* Maio *de* 1946.

E mais – atente-se nisto – fiz Artaud retomar a criação artística e poética.

Sim, sinto-me no direito de afirmá-lo com toda a serenidade e sem falsa modéstia: não fora eu, Artaud estaria morto na esterilidade e no marasmo; sem mim, as famosas Lettres de Rodez *e o* Van Gogh *nunca teriam visto luz!*

E como é que fiz para obter tal resultado?

Nisto só terei que prestar contas aos meus colegas psiquiatras, e a mais ninguém – e só se alguma vez achar oportuno.

Evitarei pois ter aqui uma discussão acerca do valor da sismoterapia e o eventual papel de algumas sessões de electrochoques no caso Artaud. Vejo-me, contudo, obrigado a meter o ferro onde ninguém até hoje se atreveu: os electrochoques são rigorosamente indolores – contrariando afirmações de repórteres e

romancistas com manias. Somente o acordar pode acompanhar-se de manifestações de ansiedade, no preciso momento da tomada de consciência e do refazer da personalidade; ânsia passageira, tida por muitos como um fenómeno favorável; e foi só disso que Artaud, em termos veementes, se queixou durante a conferência no Vieux-Colombier, aterrorizando o público, e que fez correr tanta tinta.

Fui ainda acusado do emprego dos electrochoques como punição. Está-se mesmo a ver:

"– Senhor Artaud, renuncie à magia, senão prego consigo nos electrochoques!"

Ou então:

"– Senhor Artaud, o seu último poema é incompreensível! Escreva com clareza, faça poesia como toda a gente, ou vejo-me obrigado a recomeçar os electrochoques!"

Isto é inaudito e muito estúpido!

Que ele se tenha junto a Parisots *para fazer fé numa tal lenda, suplanta o imaginável; quem me conhece e viu lidar com doentes faz troça.*

Além de os electrochoques só por si, numa tal psicose, pouco adiantarem. Sobretudo se eu não houvesse tratado sempre Antonin Artaud com as maiores

consideração e humanidade. NÃO ERA AFINAL A DIGNIDADE HUMANA O QUE DEVÍAMOS DEVOLVER A ESTE INTERNADO DE LONGA DATA, *a afundar-se na rotina dos asilos e dos cárceres?*

Na manhã da sua chegada ao hospital, ao sair da ambulância que o trouxe do comboio, eu aguardava-o de braços abertos. Agarrou-se a mim julgando encontrar um velho amigo, como se nos conhecêssemos há quinze ou vinte anos, citando meia dúzia de amigos comuns cujos nomes eu desconhecia, numa ladainha de falsas recordações que evitei emendar. Contei-lhe desde logo o meu projecto de o repor em liberdade, de o devolver à vida parisiense, ao mundo das artes e das letras, e pu-lo de seguida a comer à mesma mesa que eu. A minha mulher teve então notável mérito: também o acolheu nos braços, permitindo que esse ser de aspecto repugnante a beijasse. Bem difícil é para uma dona-de-casa ter um hóspede que sorve ruidosamente os alimentos, os esmigalha sobre a coberta da mesa, arrota alto, escarra para o chão e se ajoelha durante as refeições a entoar salmos. Tinha que o acalmar constantemente, dando-lhe um pequeno punhal com embutidos, daqueles que se compram nos bazares de Toledo, que encontrei no meio das coisas dele.

Os resultados por mim obtidos e que teriam deixado estupefacto, encantado, o pobre Desnos se tivesse podido vê-los, foram em grande parte devidos à Arte--terapia. *Fui, como sabem, um dos pioneiros desse método cujas regras estabeleci em grande número de reuniões e congressos.*

A mão de Artaud teve que reaprender a escrita, *graças à correspondência com os amigos, cada vez mais assídua (e ao princípio era preciso forçá-lo a uma resposta, mesmo breve e carregada de frases feitas), graças sobretudo às traduções que eu amigavelmente lhe pedia: um favor pessoal e com carácter de urgência; adaptações de poemas de Lewis* Carroll *ou de capítulos inteiros de* Through the Looking Glass, *que me fariam falta neste ou naquele trabalho em curso. E assim foi que, certo dia, sem o seu conhecimento, enviei* Le Bébé de Feu *de Southwell a Pierre Seghers, e volvidos alguns meses, na «Poésie 44», Artaud pôde ver a sua obra impressa preto no branco: tinham passado muitos anos sombrios e de silêncio; foi enorme a sua alegria; vi-lhe o brilho nos olhos; releu os versos com uma satisfação pouco dissimulada; a partida parecia ganha.*

São gente de bem os que me acusam de ter inviabilizado a publicação das obras de Artaud durante a permanência em Rodez: eles que peçam opinião a Pierre Seghers, a Marc Barbézat, proprietário de L'Arbalète, ou a Marcel Béalu.

E Seghers, como Barbézat ou Béalu também poderão informá-los sobre o meu profundo respeito pelas obras poéticas – todos recordam bem a fábula vinda a lume na «Revue K»: o psiquiatra "corrige" a poesia de Artaud, tentando impor-lhe gostos e cânones próprios...

Ai! só vos peço que não deixem os vendedores de papel "brincar com a poesia"!

Porque foi a um autêntico vendedor de papel chamado Henri Parisot *que por telegrama proibi a publicação das* Lettres de Rodez. *E senti-me não só no direito como na obrigação de o fazer: a lei de* 1838 *tem o seu mérito, em particular por ter previsto defender os bens dos alienados sob a sua alçada e de lhes conceder, a partir do internamento, um "administrador de bens dos alienados não interditos". As minhas desculpas por descer a estes pormenores, mas são indispensáveis.* Em 1946, *o "administrador de bens dos alienados não interditos" do hospital psiquiátrico de Rodez era o* Mestre Périquoi. *Se ainda fosse vivo,*

testemunharia as longas conversas que tivemos por causa da eventual publicação das Lettres de Rodez *e a decisão que julgámos dever tomar no intuito de proteger os interesses financeiros de Antonin Artaud. Contaria também que nenhum contrato de edição lhe foi apresentado, contrato que só ele estava em condições de assinar pelo nosso doente.*

Também a mão de Artaud teve que reaprender a desenhar.

Arranjámos-lhe toda a espécie de lápis e papel de vários formatos. Era sobretudo imperioso levá-lo a fazer riscos. De início a sua imperícia era impressionante, infantil; depois adquiriu uma segurança cada vez maior e os prodígios multiplicaram-se, graças à minha insistência e de Delanglade. Tinha o hábito de rasgar tudo; salvei a tempo o auto-retrato junto [*]*: fiz-lhe ver, sinceramente, o meu interesse nele; reflectiu por momentos, e ofereceu-mo...*

A saída de Artaud demorou bastante a preparar. Eu queria que se processasse em óptimas condições mas, antes de o propor às autoridades administrativas, era preciso reunir certo número de garantias. A experiência veio demonstrar que afinal não fui suficientemente severo e, a lamentar algo, será de facto nesta matéria.

A questão financeira resolveu-se numa tarde no Teatro Sara Bernhardt, que rendeu para cima de um milhão. Não é sítio para agradecer a quantos contribuíram, com a sua presença ou oferecendo obras para leilão, etc... O meu reconhecimento pessoal vai para Jean Dubuffet que aceitou o difícil cargo de tesoureiro. Já anos antes eu tivera a oportunidade de apreciar os seus dotes de espírito e coração, durante uma visita que com sua mulher fizeram a Artaud.

Era preciso vestir convenientemente Artaud... Estou a cair em detalhes inúteis; mas é só para terem ideia das múltiplas preocupações de então.

Exigi também que, à chegada a Paris, Artaud fosse instalado numa clínica privada: de modo a alimentar-se regularmente, e não ficar abandonado a si mesmo e a hábitos de asseio duvidoso... Encontrou-se um anjo da guarda. Não exactamente o que eu sonhava. Mas seria má-vontade minha insistir. [...]

Até agora ainda não disse palavra sobre a família de Artaud, *família que, estupidamente ou espiritualmente, um dia censurei classificando-a de "póstuma".*

Não os censurei por nunca o terem atafulhado de mantimentos: eles sabiam que não lhe faltava nada, além de viverem em Paris sob a Ocupação. Censurava-os por não me terem ajudado a encontrar roupas para Artaud quando foi possível deixá-lo passear-se livremente por Rodez. Quero crer que nesses 3 anos e 3 meses, sobretudo a irmã, deveria ter tido tempo e oportunidade de visitá-lo...

Acuso sobremaneira a família Artaud de haver subestimado em vida *a obra dele e ignorado esse génio. Compreende-se em rigor como o sentido da "palavra" que cito continua válido.*

[...]

Nota

[*] Reproduzido na edição portuguesa de *Para Acabar de Vez Com o Juízo de Deus* (& etc, 1975) e sobre a capa da edição de *Os Tarahumaras* (Relógio d'Água, 1985), pintalgado nesta ao gosto da frequência intelectual do Bairro Alto. (*Ndt*)

títulos recentes

em plena noite ou o bluff surrealista, de antonin artaud© (*a la grand nuit ou le bluff surréaliste; lettre à monsieur le législateur de la loi sur les stupéfiants; sur le suicide*; e *j'ai soigné antonin artaud*, de gaston ferdière© , doutor), teve escolha, tradução, prólogo, capa (sobre foto de Emanuel Santos de Almeida) e design de paulo da costa domingos. processamento do texto e assistência editorial de telma rodrigues. fotomecânica textype. mil exemplares impressos durante o mês de fevereiro do ano dois mil na iag, artes gráficas, ld.ª. depósito legal n.º 147739/00
(1.ª edição: & etc, 1988)

frenesi

apartado 50258
1707-001 lisboa
portugal
e-mail: frenesi@netc.pt
telem.: 919746089

Não há disciplina à qual me sinta

forçado a submeter-me, por mais

rigoroso que seja o raciocínio

apelando à minha adesão.

Dois ou três princípios de morte

ou de vida encontram-se para mim

acima da mínima submissão

precária. A lógica sempre me

pareceu estranha.

ISBN-972-8351-40-2